

ontrac

No. 24 Maio de 2003

Boletim do Centro Internacional de Pesquisa e Treinamento de ONGs

Conteúdo

***Ponto de vista* ONGs como parte da Sociedade Civil na Ásia Central**

Novas publicações

Trabalhando com Comunidades Rurais na Ásia Central

Notícias de Fortalecimento Organizacional

Favorecendo Análises: Fortalecendo o papel da sociedade civil no desenvolvimento

Apoiando ONGs: Estamos indo na direção certa?

País em foco As ONGs no Turcomenistão: Potencial para crescer

País em foco O Desenvolvimento das ONGs no Tadjiquistão

Mudança nas Relações: O Governo do Cazaquistão e as ONGs

Pessoas do INTRAC

Treinamentos do INTRAC

Neste Número: Asiya Sasybaeva do Centro InterBilim apresenta uma visão geral do desenvolvimento do setor das Ongs na Ásia Central; Os pesquisadores do INTRAC refletem sobre aspectos do programa do INTRAC nesta região incluindo o trabalho com comunidades rurais, o Programa de Treinamento de Capacidade Analítica, o Programa de Treinamento e Apoio e o perfil das ONGs no Quirguistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Cazaquistão.

Ponto de Vista ONGs como parte da Sociedade Civil na Ásia Central

Este artigo busca explorar a natureza mutante das Ongs como parte da Sociedade Civil na Ásia Central, oferecendo uma visão geral dos desafios que elas estão enfrentando em seu trabalho de definição de seus próprios papéis. Comparado com outros países da antiga União Soviética, a existência do setor das ONGs da Ásia Central é relativamente recente. Doadores americanos e europeus têm tido uma influência significativa no desenvolvimento das Ongs, não somente através do financiamento mas também na introdução de conceitos ocidentais. Para se ter um exemplo, no Quirguistão com sua pequena população de cinco milhões existe atualmente 5.000 Ongs. De um lado, é saudável que exista tantas Ongs buscando resolver os problemas das pessoas em variadas áreas. De outro lado, quantas destas 5.000 Ongs são “de verdade”, sustentáveis e efetivas? Na realidade, apenas 250 a 300 Ongs estarão aptas a sustentarem seus trabalhos quando muitos dos atuais doadores forem embora. As empresas locais são muito frágeis para se engajarem em doações filantrópicas, e também o marco legal não é favorável. Alguns governos na região não vêem as Ongs

como tendo um papel importante e valioso no desenvolvimento social, ao contrário, eles vêem o setor de Ongs como competidores por recursos.

Entre três e cinco anos atrás, as Ongs na Ásia Central atuavam primariamente com os problemas relacionados as mulheres, o meio ambiente e a provisão de assistência e saúde em nível micro. Atualmente, as Ongs estão tentando abordar problemas estruturais e suas causas mais que apenas os seus sintomas. Este é um importante passo no desenvolvimento da Sociedade Civil. As Ongs estão agora tentando entender melhor o contexto da região: como o desenvolvimento está se dando em relação a democratização, globalização, direitos humanos, comportamento do governo, ação e transparência, a questão da corrupção, processos legais, influência dos doadores no país e muito mais.

E mais ainda, de forma a participar nos processos de tomadas de decisão e influenciar os tomadores de decisão em relação ao desenvolvimento e a proteção de direitos, as Ongs do Quirguistão começaram a se congregarem em redes, em coalizões e associações. Isto não teria sido possível a dois, três anos atrás. O conceito de sociedade civil tem ganhando popularidade e dinamismo. Este crescimento de unidade e profissionalismo têm sido evidente nas muitas ações das Ongs visando por fim a várias e intensivas formas de controle por parte do governo as quais violam os direitos e a liberdade dos cidadãos; tais como o registro de qualquer tipo de equipamento de impressão, incluindo as pequenas impressoras de uso doméstico, controle sobre as Ongs, sobre os meios de comunicação e os partidos políticos.

Durante o período de transição, quando a região da Ásia Central esteve na eminência de massivas revoltas, com forte críticas às autoridades, as sugestões construtivas das Ongs não resultaram no aumento da desestabilização. Na realidade, as Ongs proveram treinamento em tolerância, advocacia e lobby, assim como também organizaram debates públicos e mesas redondas sobre variados problemas. Estas atividades ajudaram ambas as Ongs e as comunidades a enxergarem os problemas que se colocam para a sociedade de diferentes perspectivas e a concluírem que a situação nos respectivos países somente poderia ser resolvida com uma participação positiva: em outras palavras, uma sociedade civil “civilizada” precisava ser construída. Como um membro da diretoria de Interbilim – o empresário Emil Umetaliev – comentou sobre o Quirguistão: “As atividades das Ongs atualmente previnem conflitos no país através do alívio das tensões sociais.”

Estudo de caso: Ongs no Quirguistão

O maior problema obstaculizando o desenvolvimento do setor de Ongs é a falta de financiamento. As agências doadoras das quais muitas organizações dependem abandonam a fase de finalização de seus programas ou reduzem seu financiamento e muitas Ongs têm sido deixadas ao abandono. Enquanto isso, o estado ainda não tem sido capaz de perceber o valor das Ongs em seu trabalho social e em outros objetivos. As empresas locais em geral também não têm condições de contribuir para o desenvolvimento das Ongs; os obstáculos para eles são as leis que não prevêm nenhum benefício para aqueles que ajudam as Ongs financeiramente.

Com este histórico, as Ongs têm se juntado e preparado um plano para “Reformar o Código de Taxação da República do Quirguistão”, propondo uma legislação de

taxação preferencial para as organizações sem fins lucrativos. A sugestão é a introdução de termos como: “doação”, “ajuda humanitária” e “propósitos caritativos” e eliminar a taxação sobre doações. Está também sendo proposto o encorajamento de práticas de contribuições caritativas pelo setor empresarial. Entretanto, estas questões ainda não foram consideradas pelo Parlamento. Se houver um parecer positivo, existe a esperança que na República do Quirguistão o setor empresarial começará a pensar sobre os programas sociais provendo ajuda financeira as Ongs. Na situação atual, o setor de Ongs permanece preso na luta para sua própria existência.

É também importante lembrar que em geral o setor de Ongs é ainda débil, e as autoridades usam este fato em proveito próprio. A pressão das autoridades forçam os líderes de Ongs a terem um posicionamento cuidadoso e defensivo e apesar de terem conseguido um forte embasamento teórico eles não podem fazer uso dele na prática. Muito frequentemente eles não têm escolha mas apenas a opção de juntarem-se aos movimentos e campanhas pró-governo, ou se dividirem, opondo-se a outras Ongs. Isto tem um impacto no desenvolvimento da sociedade civil como um todo uma vez que as Ongs são a vanguarda do pensamento social.

Algumas Ongs na região arriscam sua existência ao criticarem aquelas que se juntam ao poder a qualquer custo. Hoje, mais do que nunca, as Ongs que servem como “guardiãs da paz” precisam de todo apoio possível para lutar por equidade e liberdade assim como também para trabalhar ajudando as pessoas na região que estão passando fome e desespero.

Escrito por Asiya Sasykbaeva
Diretor Executivo, Centro InterBilim, Quirguistão

Esta edição do **Ontrac** é dedicada ao desenvolvimento da Sociedade Civil na Ásia Central e, em particular, ao emergente papel das Ongs. Esta edição inclui perfis de um número de países da região, incluindo Quirguistão, Turcomenistão, Tadjiquistão, Cazaquistão e Uzbequistão. Ela foi compilada na região e baseia-se primariamente no variado trabalho que o INTRAC mantém na região. **Para maiores informações sobre o Programa do INTRAC na Ásia Central, por favor contacte Anne Garbutt, Gerente Regional para a ex-União Soviética, INTRAC a.garbutt@intrac.org ou Charles Buxton, gerente do Programa Ásia Central e do escritório Regional em Bishkek, charlesb@intrac.kg.**

Nova Página Web do INTRAC

O INTRAC lançou sua nova página web www.intrac.org A nova página web é mais fácil de navegar e provê novas e detalhadas informações sobre o nosso trabalho e programas.

Trabalhando com Comunidades Rurais na Ásia Central

Este artigo trata da situação das organizações de base e das comunidades rurais na Ásia Central e apresenta uma visão geral dos problemas que eles enfrentam.

Apesar de terem uma raiz cultural comum, muitos dos países da Ásia Central escolheram formas de desenvolvimento particulares depois de se tornarem independentes, no começo dos anos 90. O período de transição resultou em uma crise de produção e em um massivo crescimento do desemprego nas cidades e vilas. O setor rural foi duramente afetado: a infra-estrutura que tinha sido bem estabelecida no período da União Soviética entrou em declínio; as fazendas coletivas foram dissolvidas e os camponeses as transformaram em pequenas propriedades, obtendo pedaços de terra (*ulush*, em quirguiz) sem saber o que eles poderiam cultivar nelas. No Uzbequistão, as fazendas coletivas foram preservadas, embora um pouco modificadas em seu formato.

Apesar destas mudanças, a população rural permaneceu isolada e sofrendo a falta de apoio voltado para a sua situação. Em resposta, organizações voluntárias locais (Ongs), doadores e governos locais iniciaram uma intervenção externa nas comunidades rurais. O objetivo era encorajar as comunidades a serem auto-sustentáveis e a mobilizarem seus próprios recursos para melhorar as condições de vida. Neste contexto de intervenção externa, agências doadoras e Ongs locais usaram muitos e diferentes conceitos de comunidade. No Quirguistão, o termo “comunidade” é usado para descrever um grupo de auto-ajuda, uma organização de base ou um grupo de iniciativa e, no meio ambiente urbano, os comitês de residentes ou de um bloco de apartamentos. Minha visão é de que estas definições apresentam uma clara descrição da comunidade real:

Comunidade é um grupo de indivíduos unidos por laços e relações ou por interesses comuns, por exemplo, possuir uma história comum, valores, auto-consciência, propriedade, características físicas, e se engajar em atividades similares ou viver no mesmo território.

Dos muitos e diferentes modelos e abordagens para trabalhar com comunidades, duas abordagens são as mais frequentes na prática:

1. Intervenção Externa: quando agências doadoras e Ongs locais identificam as necessidades das populações rurais e alocam fundos para resolver um leque de problemas sócio-econômicos. Toda a responsabilidade na implementação do projeto recai sobre o “grupo iniciativa” cujos membros são eleitos pelas próprias comunidades.
2. Iniciativas Internas: auto-geradas nas iniciativas da comunidade, por exemplo, um grupo de pessoas estabelecendo uma associação de moradores com interesse comum de mobilizar recursos internos para resolver os problemas que os afetam ou afetam a vila ou cidade onde vivem.

É difícil dizer qual das abordagens é melhor no nosso contexto porque isso depende para onde a “energia” da comunidade está dirigida.

Nas vilas do Quirguistão é comum haver uma reunião mensal geral, uma assembléia da vila. Nas assembléias da vila as pessoas discutem seus problemas, identificam prioridades e soluções. Projetos são implementados com os recursos da própria comunidade com foco na reparação de instalações e infra-estrutura rural, por exemplo, melhorando o suprimento de água, a construção de banheiros públicos, reparo em escolas e provisão de micro crédito. Cada membro do “grupo de iniciativa” na comunidade entende que somente trabalhando juntos eles podem resolver os problemas da vila. O relacionamento entre os membros da comunidade está baseado no sentido de responsabilidade, confiança, abertura e irmandade e em um desejo de ajudar a eles mesmos e aos outros. A etnicidade e estrutura social da comunidade desempenha uma importante ligação na dinâmica do grupo.

Apesar do alto grau de atividade entre as comunidades rurais, suas capacidades são insuficientes para garantir a sustentabilidade. Quando nos falamos de desenvolvimento de comunidade sustentável, segundo alguns dos líderes de Organizações de Base Comunitária – OBCs, existe uma ameaça de se perder as capacidades que eles têm a disposição deles mesmos. Muitos dos projetos das comunidades dependem do apoio de doadores e, na possibilidade deles se retirarem, os projetos podem acabar.

Um fator é crítico na colaboração entre Ongs, OBCs e governos locais. Todos os interessados devem estar envolvidos, nos diferentes níveis, na solução e tarefas do desenvolvimento. As OBC têm comprovado seu valor na melhoria das condições de vida nas áreas rurais e eles precisam melhorar seus conhecimentos de questões com auto-governabilidade e ajuda mútua. E ainda, para os governos locais uma questão chave é o acesso a informação para a população e também para aumentar e melhorar a conscientização da população local; isto é um desafio para toda a Sociedade Civil.

Concluindo, pode ser que o financiamento não seja o melhor caminho para viabilizar soluções para os problemas das comunidades, mas apoiar as capacidades das próprias pessoas, para que elas possam prover o máximo de benefícios para suas próprias comunidades.

Escrito por Ñhinara Tashbaeva

Assessor de Desenvolvimento Comunitário – Quirguistão, INTRAC

Notícias de Fortalecimento Institucional

Bem vindo ao número 13 de Notícias de Fortalecimento Institucional, que continua com o tema do desenvolvimento da Sociedade Civil na Ásia Central. Nesta edição, Simon Forrester escreve sobre o Programa de Treinamento em Capacidade Analítica

do INTRAC no Quirguistão enquanto Guljahon Mavlani reflete sobre o Programa de Educação, Treinamento e Apoio para Ongs e organizações de apoio no Uzbequistão.

Favorecendo Análises: Fortalecendo o papel da Sociedade Civil no Desenvolvimento

Os programas que visam fortalecer o papel da Sociedade Civil (SC) requerem o desenvolvimento de capacidades analíticas assim como também capacidade gerencial e organizacional. Em países da ex-União Soviética, a capacidade de analisar era tradicionalmente monopólio das instituições de pesquisa e das agências estatal de estatística. Além disso, elas foram largamente associadas com a aquisição formal e implementação discreta de ferramentas de pesquisa, fossem qualitativas ou quantitativas. Os resultados dos programas de pesquisa não proveram informações relevantes e imediatas para as políticas que os emergentes ativistas da SC pudessem usar facilmente. Também não proveram um rico acervo de análises críticas e informadas fora do setor estatal que pudesse guiar programas de desenvolvimento e construtivamente engajar outros atores junto ao governo.

Os doze anos de nacionalidade pós União Soviética trouxe uma multitude de desafios para o Quirguistão: um grave declínio econômico, deteriorização da infra-estrutura social, insegurança territorial e tensões étnicas. O colapso da economia centralmente planejada e das estruturas do estado soviético levaram alguns a se referirem jocosamente ao país com a “ilha de democracia” na Ásia Central. Contudo, em face aos desafios colocados pelos problemas mencionados, as recém nascidas instituições democráticas e processos no Quirguistão são ambos muito frágeis e bastante instáveis. Neste ambiente os atores da SC lutam para encontrar, definir e fortalecer seus papéis.

Então, como podem aqueles envolvidos na Sociedade Civil no Quirguistão olhar criticamente para seu redor e começar a entender o contexto de desenvolvimento do país na nova ordem mundial? Como podem estes atores da SC se engajar significativamente com o estado, com as empresas e os agentes internacionais de desenvolvimento e globalização?

Fortalecendo a capacidade analítica as Ongs se tornam mais fortes e efetivas

Nos últimos anos o INTRAC tem trabalhado com um número significantes do OSCs no Quirguistão promovendo oportunidades de debate e discutindo estas questões. Este processo é uma iniciativa piloto de um programa para o fortalecimento de capacidades analíticas e de pesquisa para as pessoas que trabalham em Ongs. O programa visa:

- Melhorar a competência na condução de pesquisa;
- Repensar o que significa “análise”;
- Ampliar a agenda de pesquisa
- Abrir a possibilidade de novas formas de pensar;
- Colocar as Ongs em contato com diferentes visões do mundo e criar uma perspectiva mais “questionadora”.

Este curso, intitulado Programa de Treinamento de Capacidade Analítica, tem a duração de 10 meses, a partir de 2002. Ele é desenvolvido em 5 módulos para grupos de 20 pessoas que trabalham em Ongs e é ministrado por uma equipe que compreende pessoas do país e de fora. Uma parceria com uma Ong local, o Centro de Desenvolvimento Humano Sustentável “Arvore da Vida”, provê uma sólida base na qual nos meses seguintes a curso será adaptado para ser ministrado através da região, usando treinadores locais e “graduados” do curso como recurso humano.

É muito cedo para falar sobre impacto do PTCA no Quirguistão, entretanto, existem claros resultados que demonstram um aumento na capacidade de pesquisa. Um grupo de analistas locais da SC surgiu e estão se “familiarizando” com os conceitos globais de pobreza, exclusão social, participação e empoderamento, e debatendo entre eles a arena de desenvolvimento local.

Cada um dos participantes do PTCA está trabalhando em uma pesquisa original como “dever de casa” do curso, o programa tem promovido a disseminação de debate e ações baseados nos vários resultados das pesquisas. Para alguns participantes do curso que estão engajados com o desenvolvimento social, os resultados das pesquisas têm significado o fortalecimento as relações de parceria como o governo local, através do uso destas novas análises para responder as necessidades dos grupos vulneráveis. Para outros, favoreceu o estabelecimento de ligações entre as macro políticas e seus impactos em nível micro nas estratégias de redução da pobreza. Para as Ongs com a missão de apoiar processos democráticos, os participantes tiveram que mapear o engajamento de suas comunidades nas tomada de decisões locais e estão aptas agora a fortalecer a pressão política, baseadas na melhoria dos resultados das análises.

O Programa de Treinamento de Capacidade Analítica tem ajudado a demonstrar que uma estratégia aplicada de fortalecer a capacidade analítica das OSC contribui para um terceiro setor mais robusto e efetivo. O INTRAC vai continuar apoiando o seguimento do trabalho do PTCA no Quirguistão, assim como também respondendo a necessidades de fortalecimento institucional identificadas em outros países da Ásia Central.

Escrito por Simon Forrester

Gerente de País - Quirguistão e Cazaquistão, INTRAC

Se você quiser receber mais informação sobre o CTCA no Quirguistão e os tópicos das pesquisas que estão sendo feita pelas Ongs participantes, por favor entre em contato com Simon Forrester no icap@intrac.kg, INTRAC, 107 Kievskaya, Bishkek, 720001, República do Quirguistão. Telefone (996 312) 611277 Fax (996 312) 611277.

Apoiando as ONGs: Estamos indo na direção correta?

Quantas iniciativas de fortalecimento institucional são necessárias para construir um setor forte de Ongs no Uzbequistão? Até nos do INTRAC não podemos precisar uma

resposta a uma questão como esta! Entretanto, um grupo de organizações abertas ao aprendizado pode oferecer um bom indicativo, e este artigo é sobre um grupo deste.

Programas de treinamentos existentes na região, visando construir e desenvolver a capacidade de Ongs, correm o risco de serem comparadas com programas diurno de televisão: provêm entretenimento mas dificilmente algo que seja memorável. Como as necessidades destas organizações podem ser melhor atendidas, evitando-se a oferta de informações irrelevantes? Quais os indicadores de sucesso que devem ser usados em treinamentos, e finalmente e mais importante, como eles podem ser integrados ao contexto local? Estas foram algumas questões que o INTRAC enfrentou durante o planejamento e a implementação de seu Programa de Educação e Treinamento e Apoio (PETA) para Ongs e Organizações de Apoio (ONGSOAS) no Uzbequistão, em 2002.

O conceito de programa foi muito inovador, especialmente para as organizações locais. Ele já havia sido testado em dois outros países da Ásia Central, no Cazaquistão e Quirguistão. No Uzbequistão, o modelo de treinamento consistia em cinco módulos, cada um lidando com um aspecto chave do trabalho organizacional das Ongs:

- 1) O papel da Ongs na construção da Sociedade Civil
- 2) Fortalecimento da capacidade e da qualidade do trabalho
- 3) Enfrentando as questões organizacionais
- 4) Movendo-se em direção à sustentabilidade
- 5) Aprendendo a partir das experiências: Monitoramento, Avaliação e Medição de Impacto.

Embora o programa estivesse sido bem sucedido na implantação em dois países vizinhos, muitas mudanças tiveram que ser introduzidas para ajustá-lo ao ambiente do Uzbequistão. Ao contrário dos outros dois prévios treinamentos do PETA, os participantes do treinamento no Uzbequistão eram representantes (a maioria líderes) das organizações de apoio. Este fator requereu que mudanças no contexto e na abordagem fossem feitas para que o treinamento fosse ministrado.

Exercícios para fazer em casa eram dados ao final de cada módulo. Os participantes preparavam seus trabalhos para o começo do próximo módulo. Interessante que, inicialmente, as apresentações eram dadas como uma demonstração feita a um potencial grupo de competidores. Entretanto, a partir do terceiro módulo os participantes preferiram dirigir suas apresentações de uma forma mais interativa e estavam interessados em obter comentários do grupo e em discutir mais abertamente as questões. Uma outra inovação foi a visita dos participantes as organizações após cada módulo de forma apoiá-los na tarefa de fazer o trabalho de curso e para contribuir com serviço de consultoria no tópico a ser desenvolvido.

Embora seja muito cedo para avaliar os resultados do treinamento, é justo dizer que o objetivo deste programa não era apenas dar ferramentas prontas para o uso e técnicas para conseguir sustentabilidade ou desenvolvimento organizacional. Ao contrário, o programa trouxe aos participantes mais questões do que soluções fáceis. Uma importante conquista foi que os participantes de todas as partes do Uzbequistão, e também muitas organizações do Tajiquistão e Turcomenistão, formaram um grupo que está encorajando a continuidade do trabalho mesmo depois de terminado o programa. Eles irão aplicar os seus aprendizados durante nove meses de treinamento conjunto nas

iniciativas de suas próprias organizações. Dois dos cinco módulos do PETA foram realizados em Samarkand e Bukhara, e não em Tachkent como foi planejado. Isto foi possível devido ao significativo apoio promovido pelas organizações locais as quais também participaram do programa. As visitas a estas organizações pelos participantes trouxeram novas ideias.

Este trabalho conjunto mudou a percepção dos participantes sobre as questões que eles enfrentam cotidianamente. Eles agora têm uma perspectiva diferente do papel das organizações de apoio, e muitos chegaram a desconfortáveis conclusões sobre suas próprias atividades. Eles não pensavam que suas organizações mudariam rapidamente, e o desenvolvimento organizacional deixou de ser uma noção absoluta para todos os participantes. Além de desenvolver materiais especiais, de uma experiência de pesquisa de longo prazo com uma perspectiva acadêmica, o INTRAC também proveu um espaço onde os participantes dos treinamentos puderam compartilhar seus conhecimentos e experiências. Os materiais para as sessões de treinamento foram desenvolvidos e apresentados por uma equipe de treinadores locais e também representam um importante recurso.

Durante um dos módulos do treinamento, o INTRAC introduziu o conceito de aprendizagem organizacional. Estas organizações consideram que a prioridade deve ser a dinâmica do desenvolvimento. É possível considerar que o trabalho dos grupos sobre aprendizado organizacional possa ser o mais importante resultado do PETA? Ou um ponto de partida para mudanças que podem levar ao desenvolvimento do setor de Ongs em geral? É esta uma direção correta para programas desta natureza seguirem?

Escrito por Guljahon Mavlani

Assistente de Programa e Treinador do PETA – Uzbequistão.

Para maiores informações sobre o PETA e o programa do INTRAC no Uzbequistão, Tadjiquistão e Turcomenistão, por favor contactar o gerente de país Lola Abdusalyamova no intrac@eanetways.com.

Final das Notícias de Fortalecimento Institucional. ****

***País em foco* As ONGs no Turcomenistão: Potencial para crescimento**

O Turcomenistão é talvez o país menos conhecido da Ásia Central. O regime político autoritário liderado pelo presidente Niyazov (ou “Turkmenbashi” – líder espiritual e moral do povo turcomano), mais as restrições aos direitos humanos e ao acesso a informação deixaram pouco espaço para o desenvolvimento da Sociedade Civil durante esses doze anos desde que o país se tornou independente. O Turcomenistão apresenta um ambiente difícil para as Ongs. A legislação inadequada e sua implementação forçam as Ongs a encontrarem caminhos alternativos no registro de suas organizações de forma a funcionarem legalmente (por exemplo, embaixo do guarda-chuva das Ongs apoiadas pelo governo). A falta de estatísticas confiáveis torna difícil oferecer dados sobre as mudanças que estão ocorrendo. A conjuntura negativa não favorece o desenvolvimento das Ongs no Turcomenistão e isto explica as visões pessimistas sobre as possibilidades de crescimento das Ongs.

Entretanto, tendo visitado o Turcomenistão, em novembro de 2002, - quatro anos depois da primeira visita do INTRAC, e tendo encontrado Ongs e doadores, encontramos algumas razões para nos encorajarmos com a Sociedade Civil. As Ongs do Turcomenistão cresceram não apenas em quantidade, mas em qualidade. Eles, frequentemente, hoje questionam os termos conceituais valores e princípios das ONGs; muitos líderes de Ongs claramente definem suas organizações como novas formações completamente independente do governo, representando interesses de grupos particulares da população e interagindo com outros atores da Sociedade Civil.

Um indicador da crescente maturidade das ONGs do Turcomenistão é a atitude construtiva diante da construção de parcerias com o governo. A maioria delas reconhecem a importância do estabelecimento de boas relações e é uma opção das Ongs melhorarem sua imagem aos olhos do governo trabalhando duro para obter resultado para as pessoas. Enquanto em alguns países vizinhos as Ongs tomaram uma atitude radical de enfatizar o papel das Ongs como um contra-balanço do estado, no Turcomenistão as Ongs parecem estar, em geral, contra uma confrontação aberta e querem reconhecimento e apoio oficial. Na esfera social já existe algum entendimento comum onde o governo tem tentado manter uma rede de proteção social. Em nível local as relações parecem mais fáceis. Existem muitos exemplos onde as Ongs estabeleceram parcerias com as autoridades locais em setores chaves como saúde, meio ambiente e infra estrutura de desenvolvimento comunitário. Outras Ongs estão continuando seus trabalhos em educação cívica e direitos humanos.

Um desenvolvimento positivo é a melhora da coordenação entre a comunidade de doadores. Apesar do difícil ambiente político, as agências internacionais estão fazendo esforços substanciais para apoiar a Sociedade Civil, e as Ongs em particular. Muitas Ongs que nos encontramos elogiaram o apoio provido pelo Consórcio de Contrapartes, a principal organização de apoio a Ongs no Turcomenistão. Os doadores tendem a seguir abordagens similares em suas relações com as Ongs e a compartilharem informações. Dado ao contexto geral, a maioria dos doadores pensa que é melhor tentar focar um caminho positivo em áreas onde o governo é receptivo as demandas da sociedade. Eles têm conseguido envolver as Ongs em alguns programas potencialmente sensíveis como drogas, HIV/AIDs e assistência a refugiados.

Muitas Ongs no Turcomenistão são muito jovens e preocupadas primeiramente em encontrar formas de sobrevivência e de se consolidarem. Apesar de não terem tempo suficiente para amadurecerem propriamente e para criarem uma coalizão de Ongs, as Ongs estão se relacionando, dentro do setor, bastante positivamente. A competição por doações entre as Ongs não é tão intensa como em outros países da região, onde as Ongs são mais numerosas e a pressão competitiva tem tido um impacto negativo nas interrelações. Ao contrário, um especial espírito positivo está presente entre as Ongs do Turcomenistão. Isto pode encorajar os apoiadores das Ongs a continuarem ajudando as Ongs. As Ongs comprometidas e trabalhando duro, estão também buscando melhorar seus próprios potenciais e a vida dos diferentes grupos de pessoas. Sem dúvidas, as Ongs do Turcomenistão têm potencial para crescer ainda mais. É uma esperança real que, passo a passo, elas vão trazer mudanças para suas sociedades.

Escrito por Anara Musabaeva, Consultora do INTRAC no Tucomenistão e Charles Buxton, Gerente do Programa da Ásia Central, INTRAC.

O relatório completo está disponível no INTRAC charlesb@intrac.kg.

O Desenvolvimento das Ongs no Tadjiquistão

O Tadjiquistão está entre os 30 países mais pobres da terra. Sua população de seis milhões ganhou independência depois da queda da União Soviética em 1991, mas em breve entrou em guerra civil. Os cinco anos de conflitos deixaram um saldo de 50.000 mortos, e mais de um milhão de pessoas deslocadas, 560.000 refugiados, 55.000 órfãos e 20.000 pessoas viúvas, atingindo praticamente cada família do país e produzindo um grande número de pessoas necessitando de ajuda financeira. Além disso, o Tadjiquistão tem sofrido sucessivos desastres naturais desde 1998: grandes enchentes, deslizamento de terra e seca.

A Guerra produziu um trauma mental, mas também uma profunda divisão e uma ruptura em relação aos tempos soviéticos. A destruição das instituições e a perda da coesão social forçou as pessoas a construir novas instituições. Existe uma necessidade urgente para as organizações da Sociedade Civil jogarem um papel neste processo. O legado de guerra coloca a agenda de trabalho das Ongs, lidando com a população deslocada e o trauma das famílias fragmentado ocupa a atenção da maioria das muitas organizações.

Os setenta anos do sistema Soviético de bem-estar do “berço até a morte” desapareceu, e foi substituído pela privatização e pela privação. Os tadjiquis não estavam preparados para os desafios contemporâneos da vida dentro do capitalismo. Não é fácil re-conceitualizar as muitas visões e estereótipos, rejeitar dogmas e viver sem mecanismos de apoio social ou coletivo. Converter a cidadania passiva em cidadania ativa é chave para as Ongs de desenvolvimento. Tursunoy Isomoddinova, liderança da Ong *Nilufar*, em Duchambe, resume o grande desafio que a transição traz para os cidadãos:

“As práticas soviéticas tornaram as pessoas passivas, com sistema de bem-estar social abrangente. Iniciativa e direção são necessárias e as pessoas irão seguir com certeza; Eu, por exemplo, penso que primeiro é importante ir para o rio e remover as pedras, limpando o leito do rio”. (INTRAC 2003).

As Ongs estão divididas em três grupos: as inativas que estão apenas buscando recursos, as Ongs que trabalham, e aquelas que têm “dois bolsos” conseguindo doações através de conexões familiares e das empresas do governo. As Ongs locais têm problemas em lidar com as formalidades da moderna burocracia do estado. Por exemplo, para ser e permanecer como uma Ong é como uma corrida com obstáculos: o processo de registro é em si uma prova de obstáculos, enquanto também não é fácil desenvolver o trabalho lidando com as demandas de suas comunidades e com a co-optação por parte do governo (Workshop do INTRAC, 2003).

Certamente, existe o entendimento comum de que as Ongs devem não somente apoiar os programas sociais do Estado. Kurbon Vose, o Assessor Chefe do presidente do

Tadjiquistão, afirma que, “ O Governo do Tadjiquistão dedica especial atenção a cooperação com as Ongs.... para completar os programas do Governo e diminuir o trabalho do governo. O Governo não pode resolver os problemas sozinho” (Workshop do INTRAC, 2003). A inabilidade do Governo em resolver efetivamente muitos dos problemas sociais e econômicos que afligem o país tem criado um significativo espaço para as Ongs de desenvolvimento. Tem havido um gradual crescimento no entendimento dos oficiais do governo em vários níveis, sobre o trabalho das Ongs e tem diminuído a resistência aos esforços delas. Eles estão hoje aumentando a percepção sobre o “não-governamental” (gheir-e-doulati). Uma mesa redonda de discussão entre o Presidente e mais de 100 Ongs locais, ocorrida em Junho de 2002, simboliza o novo estado de relações positivas para muitos tadjiques.

O Tadjiquistão é o único país da Ásia Central onde um partido político islâmico está legalmente operante e ocupa assentos no parlamento. Shamsiddin Karimov, da Academia Educacional para o Desenvolvimento acredita que, “o partido poderia usar a religião para desenvolver e fortalecer a sociedade civil e poderia vencer”. Os dogmas morais da religião islâmica correspondem a cultura cívica tradicional. As estruturas Islâmicas estão em contato direto com as pessoas e com as bases e 93% da população é muçulmana. Eles são cidadãos e precisam estar envolvidos, mas “parece existir uma cultura de embate: com os Madrassahs praticando os preceitos Islâmicos de paciência, entendimento e tolerância, enquanto as Ongs parecem impacientes e insistentes” (INTRAC, 2003). De fato, as Ongs frequentemente representam elementos urbanos, educados e seculares da sociedade.

Existem menos de 1.000 Ongs. A maioria delas baseadas na capital, Duchambe, e em Khujand, a capital industrial do norte do país. Os tadjiques têm tempo e idéias, mas não dinheiro, e então estão sobrecarregados com a agenda das agências; Ongs orientadas pela lógica dos recursos estão surgindo apenas nas áreas onde os doadores internacionais oferecem oportunidades. Nem todas as Ongs são não-governamental por definição; muitas têm a missão tão abrangente que parecem com os planos do governo ao se voltarem para todas as necessidades do país. Esta definição geral de objetivos, entretanto, permite uma considerável flexibilidade e acomoda as mudanças de interesses e demandas dos doadores. As Ongs ativas recebem 90% de seu apoio financeiro de doadores. Dado o baixo nível de desenvolvimento da maioria das Ongs locais, os doadores parecem aceitar relatórios simples, e existe maior honestidade no relacionamento entre eles e as Ongs locais. O cinismo que frequentemente envolve as relações entre Ongs e este tipo de doadores parece não existir no Tadjiquistão. O pós-conflito, o desenvolvimento do país permanece com o processo de construção da paz iniciada pela comunidade internacional e implementada por Ongs parceiras locais.

Referências

INTRAC (2003) Sociedade Civil no Tadjiquistão. Oxford: INTRAC.

INTRAC (2003) Oficina sobre “Ongs e Mecanismos públicos de parceria social no Tadjiquistão” Duchambe, 24 de Janeiro.

Escrito por Simon Heap, Pesquisador Senior, INTRAC

O relatório completo está disponível no INTRAC (s.heap@intrac.org).

Mudanças nas Relações: O Governo do Cazaquistão e as ONGs

Com a adoção de cada nova lei regulando a relação entre o governo e as Ongs, alguns de nós estamos inclinados a esperar pelo melhor, enquanto outros acham difícil e vêem estes eventos como a confirmação de suas tristes previsões. Certamente isto tem sido verdade no Cazaquistão.

O começo relativamente estruturado do relacionamento entre governo e Ongs teve lugar em 2002 quando o presidente Nazarbayev, em seu tradicional discurso para a população, pela primeira vez mencionou as Ongs e falou da importante contribuição delas para o desenvolvimento do país:

“Organizações públicas não governamentais já jogam um importante papel em atividades de advocacy, na formação de grupos de interesse específicos e na estabilidade social do Cazaquistão. Substantial apoio do estado é necessário, em particular, através de um sistema de doação, para a implementação de projetos sociais importantes. É tempo de começar a ampliar a escala deste trabalho”.

O termo Ong não tinha sido previamente mencionado na legislação e a grande maioria das pessoas (incluindo os oficiais do governo) não conhecia o significado exato do termo. Contudo, muito em breve, no começo de 2001 uma lei sobre Organizações Não Comercial (ONC) foi adotada, e mais tarde, um documento igualmente importante, o “Conceito de ONGs de apoio ao Estado”. Finalmente, em 2003, as discussões sobre um programa do estado de apoio começaram e um rascunho de lei sobre Ongs. Esta rodada de desenvolvimento será completada pela adoção de uma portaria sobre os contratos sociais do estado (uma base essencial para o apoio financeiro do estado às Ongs). As coisas se moveram muito rápido durante estes últimos três anos!

Durante este tempo visões bastante diferentes sobre os acontecimentos e suas implicações para as Ongs têm surgido. Apoiadores destas propostas apontam que com um novo estatuto legal para as Ongs, é o reconhecimento de que o estado deve apoiá-las financeiramente, a gradual devolução das responsabilidades do presidente para os aparatos de governo e destes para as akimats (municipalidades). Eles concordam que a prestação de contas e transparência vão ser requeridas nas ações das Ongs dentro da nova legislação. Os oponentes, por outro lado, apontaram as dificuldades técnicas da definição legal das ONCs e das ONGs (por exemplo: Uma Ong precisa desenvolver “atividades públicas úteis” para “o benefício da sociedade”), e as áreas as quais podem ser financiadas (incluindo social, saúde, meio ambiente, apoio a família, atividades culturais e educacionais) são muito restritivas. Eles argumentam que contratação não é apoio para as Ongs de per se, é mais uma forma conjunta de atacar os problemas sociais, e contratos podem não ser verdadeiramente abertos. Eles se preocupam se o estado está tentando controlar as Ongs.

Dos desafios gerais nas relações entre governo e Ongs do Cazaquistão hoje, os seguintes fatores emergem:

- Um grupo de oposição de organizações de advocacia e direitos humanos tem se tornado consideravelmente mais radical.
- Um maior número de Ongs trabalhando na área social e de políticas públicas tem dado maiores passos na direção da cooperação com os órgãos de governo.
- Órgãos do governo começaram a discutir a portaria de lei e fazer consultas com as Ongs durante 2 a 3 anos atrás, de uma forma que não era conhecida. Ao mesmo tempo, há preocupação de que nem todos os comentários e observações críticas serão levados em consideração.
- A crítica com relação a ausência de uma legislação básica para as Ongs tem dado lugar ao criticismo sobre sua qualidade.

O caráter multi-facetado do desenvolvimento do Cazaquistão é óbvio. Qual faceta se tornará a dominante depende da força dos diferentes desafios e do profissionalismo das pessoas liderando as reformas. Muito trabalho ainda está por ser feito.

Escrito por Inessa Frantz

Instituto para o Desenvolvimento e Cooperação de Ongs, Almaty, Cazaquistão.

Este é um sumário de um artigo maior e com mais detalhes sobre o desenvolvimento da legislação no Cazaquistão. Para cópias, por favor contacte: IDC@nursat.kz

Pessoas do INTRAC

Nos estamos tristes em dizer adeus a David Marsden, do Banco Mundial, que finalizou seu estágio no INTRAC no final em fevereiro. Nos queremos agradecê-lo por todo o seu trabalho e apoio durante o ano passado. Thomas Gramming se integrou ao INTRAC, em fevereiro de 2003, como Coordenador de Pesquisa depois de estar, por quatro anos, como Diretor Acadêmico da Fundação Liderança para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Escritório da Europa) em Genebra.

Damos as bem-vindas, depois da licença maternidade, a Vicky Brehm que retornou a seu posto como pesquisadora e editora do *Ontrac* e do Boletim para Ongs *Informed*. Vicky está continuando também seu trabalho de pesquisa sobre parcerias. Mia Sorgenfrei retornou ao INTRAC por dois meses para escrever um documento juntamente com John Hailay para a quinta Conferência do INTRAC que se realizou de 31 de março a 4 de abril de 2003.

Bahodir Fozihujaev passou a integrar a equipe da Ásia Central como assessor de desenvolvimento comunitário, trazendo uma valiosa experiência sobre comunidades e projetos econômicos na área de Kiokand no Vale de Fergana.

O INTRAC diz adeus a três voluntários: Alix Rosenberg, June Williams e Vanita Sharma. Nos queremos dizer muito obrigado a eles e desejar-lhes tudo de bom no futuro. Nos aproveitamos também para introduzir nossa mais nova voluntária Tabitha Ross que está no INTRAC desde março.

Escrito por Natasha Thurlow

Email: n.thurlow@intrac.org

ontrac

ISSN 1476-1327

Editora: Vicky Brehm, Pesquisadora, INTRAC

Design: Sophie Johnson, Colophon

Impressão: Litho and Digital Impressions Ltd., Oxford

ONTRAC é um boletim informativo do INTRAC - Centro Internacional de Pesquisa e Treinamento de ONGs -. Ele é publicado três vezes por ano. Seu conteúdo pode ser reproduzido e traduzido livremente desde que a fonte seja mencionada. O INTRAC agradece as seguintes organizações pelas suas contribuições na produção do *ontrac*: APSO, CAFOD, Christian Aid, Concern Worldwide, Cordaid, DanChurchAid, MS Denmark, Norwegian Church Aid, Novib, Oxfam GB, International Save the Children Alliance, Save the Children Norway, Save the Children Sweden, Save the Children UK and South Research.

INTRAC

Tel.: +44 (0) 1865 201 851

PO Boxe 563

Fax: +44 (0) 1865 201 852

Oxford OX2 6RZ

Endereço eletrônico: info@intrac.org

Reino Unido

Website: <http://www.intrac.org>

INTRAC é uma companhia limitada, registrada sob o No. 2663796, e uma organização sem fins lucrativos registrada sob o No. 1016676.

ontrac

ISSN 1476-1327

Editor: Vicky Brehm, Researcher, INTRAC

Design: Sophie Johnson, Colophon

ontrac is the newsletter of INTRAC (the International NGO Training and Research Centre). It is published three times a year. The contents of the newsletter may be freely reproduced and translated, providing the source is acknowledged. INTRAC wishes to thank the following organisations for their contributions towards the production of *ontrac*: APSO, CAFOD, Christian Aid, Concern Worldwide, Cordaid, DanChurchAid, MS Denmark, Norwegian Church Aid, Novib, Oxfam GB, the International Save the Children Alliance, Save the Children Norway, Save the Children Sweden, Save the Children UK and South Research.

INTRAC

Tel: +44 (0) 1865 201 851

PO Box 563

Fax: +44 (0) 1865 201 852

Oxford OX2 6RZ

Email: info@intrac.org

United Kingdom

Website: <http://www.intrac.org>

INTRAC is a limited company No. 2663796 and a registered charity No. 1016676